



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ - CCGR
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/GEOGRAFIA

ANDRESSA NASCIMENTO FERREIRA

ENTRE IMAGENS E MEMÓRIA: por um resgate do patrimônio material e imaterial no
bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA

Grajaú/MA

2025

ANDRESSA NASCIMENTO FERREIRA

ENTRE IMAGENS E MEMÓRIA: por um resgate do patrimônio material e imaterial no bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia do Centro de Ciências de Grajaú da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha

Grajaú/MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Ferreira, Andressa Nascimento.

Entre imagens e memória: por um resgate do patrimônio material e imaterial no bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA / Andressa Nascimento Ferreira. - 2025.

17 p.

Orientador(a): Rosimary Gomes Rocha.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2025.

1. Grajaú/ma. 2. Patrimônio. 3. Memória. I. Rocha, Rosimary Gomes. II. Título.

ANDRESSA NASCIMENTO FERREIRA

ENTRE IMAGENS E MEMÓRIA: por um resgate do patrimônio material e imaterial no bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/ma

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia do Centro de Ciências de Grajaú da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Aprovado em: 18 / 08 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha (orientador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva (examinador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Luciano Rocha da Penha (examinador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada uma das pessoas que caminhou comigo até aqui na construção deste trabalho e na conclusão do ciclo que se encerra neste trabalho de conclusão de curso – TCC.

Meu agradecimento prime-vos é a Deus. Por me dado a chance de chegar até aqui. Agradeço também aos meus irmão e primos e ao meu pai Jose Geraldo, que representa um marco na minha vida. E a minha mãe Luzia Arruda, que nem um momento deixou de acreditar em mim e me incentivou em todos os momentos desse ciclo, me fazendo superar qualquer dificuldade enfrentada ao longo dessa trajetória.

Agradeço também a minha prima Ildeane Rodrigues e sua família, por ter me recebido em seu lar e acima de tudo, por ter me apoiado, e não ter feito eu desistir. Um agradecimento também aos meus amigos Deane Aguiar e Neuraecio Ribeiro, por também ter me acolhido em seu lar, e por ter me dado força para não deixa desistir, e além de tudo, por tê-lo feito eu gostar e apreciar ainda mais a área de educadora, que transforma vidas.

Agradeço também aos meus amigos que aqui em Grajaú eu construí e a todo corpo docente, colegas e amigos que construí na universidade; e a todos que oram por mim e comigo. E por fim, agradeço a minha Orientadora Rosimary Rocha por ter tido paciência e dedicação em me ajudar na realização desse trabalho.

ENTRE IMAGENS E MEMÓRIA: por um resgate do patrimônio material e imaterial no bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA

ENTRE IMÁGENES Y MEMORIA: por el rescate del patrimonio material e inmaterial en el barrio Trizidela, en la ciudad de Grajaú/MA

Andressa Nascimento Ferreira

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú.

Email: Andressa.nf@discente.ufma.br

Rosimary Gomes Rocha

Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Email: rosimary.rocha@ufma.br

RESUMO: O presente trabalho de pesquisa partiu da ideia de que o bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA está composto por elementos históricos e geográficos que o coloca enquanto patrimônio material e imaterial, isso porque Grajaú, se caracteriza por ser um dos municípios mais antigos da região sulmaranhense, estando sua origem voltada para o avanço da conquista do pastoreio, que partiu da vila de Pastos Bons e tendo o rio Grajaú como principal via de fluxos humanos e econômicos. Em conformidade a estrutura desse bairro está formada por antigas casas, casarões e ruas que nos remete ao passado de sua formação. Esses fatores, nos instigou, a investigar quais elementos, aí presente, coloca tal bairro enquanto patrimônio não só material, mas também imaterial, visto que, as pessoas que aí residem são possuidoras de uma memória coletiva. A pesquisa efetivou-se por meio de observação socioespacial, entrevistas mediante a rememoração dos fatos; descrição dos elementos geohistóricos e culturais e registros fotográficos. Desta forma, mediante o trabalho realizado, concluímos que há ainda uma estrutura na localidade que nos remete a tempos anteriores, e que, embora esses aspectos venham sendo, em sua maior parte, transformados e substituídos pelo desejo do novo, há, ainda, na memória dos moradores nuances ligadas aos antepassados familiares.

Palavras-chave: Grajaú/MA; patrimônio; memória

RESUMEM: El presente trabajo de pesquisa parte de la idea de que el barrio Trizidela, en la ciudad de Grajaú/MA está compuesto por elementos históricos y geográficos que o coloca enquanto patrimônio material e imaterial, isso porque Grajaú, se caracteriza por ser um dos municípios mais antigos da região sulmaranhense, estando su a origem voltada para o avanço da conquista do pastoreio, que partu da vila de Pastos Bons e tendo o rio Grajaú como principal vía de flujos humanos y económicos. En conformidad, la estructura de este barrio está formada por antiguas casas, casas y calles que nos remete al pasado de su formación. Esses fatores, nos instigou, a investigar quais elementos, aí presente, coloca tal bairro enquanto patrimônio não só material, mas também imaterial, visto que, as pessoas que aí residem são possuidoras de uma memória coletiva. A pesquisa efetivou-se por meio de observação socioespacial, entrevistas

mediante a rememoração dos fatos; Descripción de dos elementos geohistóricos, culturales y registros fotográficos. Desta forma, mediante el trabajo realizado, concluimos que há ainda uma estrutura na localidade que nos remete a tempos anteriores, e que, embora esses aspectos venham sendo, em sua maior parte, transformados e substituídos pelo desejo do novo, há, ainda, na memória dos moradores matizes ligadas aos antepassados familiares.

Palabras clave: Grajaú/MA; herencia; memoria

INTRODUÇÃO

O geógrafo, na perspectiva analítica patrimonial e em seus levantamentos, encontra na materialidade do espaço produzido os traços da cultura de uma sociedade, pois o território guarda marcos ou heranças do passado (Scarlatto; Costa, 2013, p. 373)

Grajaú, configura-se enquanto uma das cidades mais antigas do Sul do Maranhão, tendo sua formação inicial por meio do povoamento de vaqueiros proveniente da Bahia e de Pernambuco, que, mediante a busca de espaços favoráveis para a criação do gado, chegaram à região sul-maranhense ainda no século XVII, no qual, denominaram-na de Pastos Bons, em virtude da abundância de pastagens verdejantes. E ainda, devido à presença de outros importantes componentes, como uma rica hidrografia, chuvas regulares e clima ameno. Fatores esses que consubstanciaram para que a colonização de fato se efetivasse, ocasionando um total reordenamento territorial desse espaço ao longo do tempo.

Dessa feita, várias freguesias foram surgindo, e, que, posteriormente, ascenderam-se a municípios, dentre os quais destacam-se a povoação de Carolina, promovida à vila e freguesia em outubro de 1831; a vila de Riachão em 1833; Senhor do Bonfim da Chapada, futura Grajaú, em 1835; Barra do Corda em 1854; Porto Franco em 1855; Imperatriz em 1856; e Balsas, com a denominação de Santo Antônio de Balsas em 1892 (Cabral, 1992; Cardoso, 1974; IBGE, 1959). Depois, elevadas a cidades, sedes de municípios, sendo que, com o passar do tempo, o espaço que compreendeu outrora o sertão de Pastos Bons foi sofrendo desmembramentos e reorganizações político-administrativas. Essas cidades, pelo fato de terem sido fundadas ainda no século XIX, guardam na sua estrutura socioespacial, elementos que muito nos contam acerca de sua história, estando contidos não somente nos componentes materiais, a exemplo da arquitetura das casas, ruas, prédios públicos e religiosos, praças, dentre outros, como também, nos imateriais, ou seja, no bucolismo, nas festas religiosas, na memória coletiva (Halbwaches, 1968) e na afetividade dos moradores para com o lugar.

Em se tratando, especificamente, da cidade de Grajaú, a localidade se constituiu nos século XIX e até mais da metade do século XX, em importante entreposto comercial, que ligava

a cidade de São Luís ao Alto Sertão maranhense, tendo como via de escoamento o rio Grajaú e, o sal, o principal produto de comercialização. Devido a esses fatores, a cidade guarda em sua estrutura resquícios de uma historiografia que nos permite fazer uma leitura imagética de sua funcionalidade dialética, enquanto lugar de acontecimentos pretéritos e que estão correlacionados com o presente e com o futuro.

Nesse sentido, o bairro Trizidela, apresenta-se em destaque, pois está situado as margens do rio Grajaú. E suas paisagens são representadas por vielas, igrejas, casas, monumentos, dentre outros elementos, servem como um livro aberto que nos permite ler a construção socioespacial, demonstrando, assim, lógicas que expressam as funcionalidades, os processos e as intencionalidades contidas no espaço-tempo. Importante reiteirar que esses aspectos fazem parte de uma totalidade, onde está presente não somente o visível, mas, também o invisível, representado, principalmente, pela memória dos mais velhos, que corrobora para a construção de sentidos e de ações.

No entanto, há que se considerar que, a estrutura socioespacial encontrada hoje, no bairro Trizidela, bem como o imaginário dos sujeitos que aí residem estão atravessados por outros tempos, sentidos, desejos e maneira de ver a si e ao mundo, embora não estejam dissociados das relações pretéritas. Pois como alerta Candau (2011, p. 150) “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes”. Por isso se faz necessário ressaltar, também, o papel da totalidade, para que não fiquemos na análise do objeto proposto por si só. Acerca disso Chaveiro (2012, p. 265) explica que “todo sujeito é situado no lugar, assim estabelece relações no presente a partir do lugar com outras dimensões do tempo – a situação do homem define, um pouco, o conteúdo de sua condição de sujeito como espacial e historicamente determinado”. Logo faz-se importante entender que:

O cuidado do geógrafo deve ser o de reconhecer, de fato, tão somente as relações que perfazem o bem colocando-o em *situação espacial*, entendendo que um sítio histórico, um monumento ou uma área de intervenção urbana não podem ser minimizadas perante o todo, mas ser elemento base para o reconhecimento desse mesmo todo, para então a totalidade se fazer um princípio epistemológico e uma exigência metodológica. Nesse sentido, a totalidade é entendida não como todos os fatos, mas é a realidade como um todo dialético; aspecto que nos permite compreender o fato patrimônio de forma racional (Scarlatto; Costa, 2013, p. 380).

Diante do exposto, posmos em evidência os elementos materiais e imateriais do bairro em relevo, enquanto um patrimônio cultural da cidade de Grajaú e que precisa ser preservado e ter sua importância disseminada. Em destarte, o Patrimônio Material, estudado segundo (Lezo et al.; 2000), é composto pelos bens tangíveis, ou seja, todos os bens palpáveis e concretos. As edificações, os sítios urbanos e paisagens, os elementos naturais, os vestígios arqueológicos, os

documentos e as obras de arte, todos são considerados patrimônios materiais. Já o Patrimônio Imaterial se compõe dos bens intangíveis, que não são palpáveis. São entendidos como patrimônios imateriais: as tradições, expressões orais, artísticas, sociais, rituais e atos festivos, conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo, técnicas artesanais tradicionais entre outras.

O trabalho tem como objetivo geral resgatar, elementos que se caracterizem enquanto parte do Patrimônio geohistórico material e imaterial no bairro Trizidela, na cidade de Grajaú/MA. E enquanto objetivos específicos: Investigar, a relação entre a população do bairro Trizidela e seu patrimônio histórico-geográfico, analisando como as mudanças no espaço geográfico e a inserção de novos mecanismos afetam a identidade, o pertencimento e as relações interpessoais dos moradores, gerando tensões e conflitos.

Importante destacar que, esta pesquisa encontra relevância pelo fato de investigar como se encontra estruturado o patrimônio cultural material e imaterial grajauense que guarda os vestígios de um passado constituído de historicidade, reiterando Grajaú e o Alto Sertão de forma que os configure enquanto testemunhos geohistórico do Maranhão ao estabelecer um diálogo entre passado/presente e futuro, na apreensão dos usos e apropriações do patrimônio cultural.

METODOLOGIA

Em Grajaú, especificamente, quando direcionamos para a valorização das singularidades geohistóricas contidas no espaço urbano, notamos que apresentam pouca importância, já que o novo é enxergado como o moderno, o belo e atual, ao contrário das formas com estruturas que remontam a épocas do início e meados do século XX. Nesse sentido, há um problema social, pois, novas formas estruturais têm substituído construções, onde todas as casas são iguais, tirando assim, aquilo que define o lugar, define o que é Grajaú.

Por isso faz-se urgente a criação de ações para a preservação de todo um arranjo ainda existente no bairro Trizidela, que, porém, precisam ser vistas sob um olhar valorativo. Acerca da pesquisa ação Thiollent (1985, p. 54) argumenta:

A pesquisa ação se enquadra no grupo das ciências sociais com uma base empírica e valorativa na resolução de problemas sociais coletivos, onde pesquisador e comunidade se envolvem na busca de uma solução. Já a pesquisa participante que apresenta pontos bem semelhantes com a pesquisa ação aparece associada a uma postura bem mais voltada para a conscientização popular.

Para tanto, a pesquisa qualitativa dá a sustentação para o desenvolvimento deste tipo de trabalho, visto que, os componentes geohistóricos e, destarte culturais, estão em voga. Assim, tal abordagem possibilita, compreender melhor os elementos encontrados durante a pesquisa, proporcionando uma interpretação do objeto. Em se tratando das técnicas utilizadas na pesquisa qualitativa, Matos e Pessoa (2009, p. 283), reitera que os procedimentos mais utilizados são “entrevista, observação, análise do discurso, pesquisa ação e estudo de caso”. Aqui, priorizamos a entrevista pela rememoração dos fatos; a observação; a descrição com o uso do diário de campo dos elementos identificados como geohistóricos e culturais e registros fotográficos.

Tais entrevistas foram realizadas com dois moradores do bairro Trizidela, escolhidos com base no tempo de vivência no local. A seleção desses entrevistados foi feita considerando a sua capacidade de relatar as mudanças ocorridas no bairro ao longo do tempo, bem como, a riqueza de suas lembranças do passado. Esses moradores são fontes valiosas de informações, pois têm uma perspectiva única sobre a evolução do bairro e puderam compartilhar histórias e experiências que ilustram as transformações ocorridas na região.

A memória compõe aqui um importante procedimento para se obter por meio das interlocuções com moradores idosos a descrição histórica de forma oral acerca dos acontecimentos, dos modos de vida e dos sentimentos e valores que esses lugares compõem na existência desses sujeitos. Importante ressaltar que o campo da memória privilegia não somente os acontecimentos passados, mas o presente e, a partir daí, vai formando uma concepção sobre o futuro, “privilegiando o entendimento de que o processo de construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória atende a um processo permanente do vivido” (Montenegro, 2013, p. 19). Enquanto procedimento técnico, lançamos mão de levantamentos bibliográficos em livros, artigos, teses, dissertações, sobre o teórico e o empírico.

Trilhando por esse caminho, apreendemos de forma sistemática sobre os modos de vida, as experiências e as representações, tendo como ponto de partida a paisagem e o lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Etimologicamente, “Grajáu” vem da palavra indígena UIRÁ-YA-HU, que significa “ave comestível”. Já na enciclopédia dos municípios brasileiros IBGE (1959, p. 179), consta que “‘Grajáu’ originou-se de guajajaras, tribo que ocupava a margem do rio que banha a cidade. É formada pelas duas primeiras sílabas da palavra Guajajara, acrescidas da vogal U, que, na linguagem dos silvícolas, queria dizer muito”.

Acerca de sua formação, o lugar em que está a cidade de Grajaú foi, a princípio, o porto de uma fazenda denominada Chapada, pertencente a Manoel Valentim Fernandes e se constituiu como umas das maiores conquistas sobre as comunidades indígenas nos Sertões do Maranhão (IBGE, 1959). Aí se formou uma povoação com um quantitativo de mais ou menos quarenta pessoas, onde foram construídas casas para vivenda, sal e alguns outros gêneros de primeira necessidade. Entretanto, a povoação foi destruída pelos índios e, após isso, houve o restabelecimento de uma outra povoação, na mesma localidade, denominada de São Paulo do Norte, que não obteve grande sucesso, por motivo de abandono pelas autoridades estaduais. E, tão somente em 1835, depois de um lento processo de evolução social, foi criada, por intermédio da Lei provincial nº 07, de 29 de abril, a Vila do Senhor do Bonfim da Chapada, a qual foi desmembrada do município de Pastos Bons e elevada à categoria de cidade por meio da Lei provincial 1225, de 7 de abril de 1881, recebendo o nome de Grajaú (Carvalho, 2000).

Economicamente, em decorrência da navegabilidade do rio Grajaú, a localidade se tornou importante entreposto de mercadorias no Sertão, vindas da capital em embarcações, pelo leito do rio, que daí fazia a circulação pelo Sertão, mediante picadas e em lombo de animais. Era o sal o principal produto, o que respondeu pelo intercâmbio de Grajaú com outras regiões, sobretudo com Goiás. Constituiu-se, por esse viés, caminhos, para favorecer o fluxo de pessoas e mercadorias e, conseqüentemente, de relações sociais. E o rio estabeleceu-se enquanto símbolo principal para a vida no Sertão grajauense. Segundo Carvalho (2000, p. 105), “Fatores do rápido crescimento da povoação, a servidão do rio e as vantagens comerciais atraíram muita gente. Para aí vieram elementos estranhos à conquista, homens imbuídos de princípios sociais que os primeiros não conheciam [...]”.

Esses elementos cooperaram para que Grajaú não se compusesse apenas como um entreposto de mercadorias, mas também de ideias inovadoras e levantes políticos, que foram responsáveis por conflitos, tanto internos, formados por grupos rivais, quanto por se imporem a interesses da capital. Sobre isso, Carvalho (2000, p. 105) esclarece que “agitada e turbulenta foi desde o começo a vida social do Porto da Chapada.” Atualmente, a cidade está configurada por um emaranhado de acontecimentos, em que o econômico, por meio da agropecuária, do polo gesseiro e de um comércio ainda incipiente, contribuem para seu crescimento, apresentado por bruscas disparidades sociais, que são visíveis na sua estrutura espacial.

Dessa forma, vários loteamentos surgiram nos últimos seis, sete anos, como também diversas construções modernas. Entretanto, lógicas pretéritas dialogam com o presente, como exemplo disso trazemos como objeto de estudo o bairro Trizidela, que estruturalmente apresenta permanências expressas por meio de uma vida bucólica, diversa de outros espaços

com movimentações mais aceleradas, e que nos permite, portanto, entender os processos que metamorfoseiam e singularizam a existência nesses espaços. Nesse sentido, corroboramos com Scarlato e Costa (2013, p. 372), quando estes afirmam que:

A monumentalidade urbana histórica demarca sentidos da existência social no e do lugar; o saber-fazer, os costumes, as relações socioespaciais, os anseios, os medos, as angústias e tudo aquilo que envolve a relação dos sujeitos com o mundo material e espiritual estão petrificados nas cidades e registrados no que hoje se convencionou instituir por patrimônio, aqui entendido o patrimônio urbano.

Há que se considerar, a existência no bairro, de uma forte relação cultural e identitária para com seus moradores, principalmente em que se trate dos pertencente às famílias que aí residiram/residem desde primórdios do século XX. Esses aspectos estão fortemente associados à construção de narrativas e discursos, que vinculam-se às experiências vividas. Pois, “ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu. Essa narração reorganiza as experiências e os significados, fazendo surgir um Eu ancorado nessa nova ordem” (Souza, 2014, p. 91). Embora não possamos esquecer que é preciso entender a identidade enquanto inacabada, por isso móvel.

Em relação à Pesquisa de Campo, foi utilizado observação, registro fotográfico e entrevista com dois moradores. Dessa forma, pode-se observar que o bairro guarda traços que o configura como patrimônio histórico, a exemplo, como mostrado nas figuras 1 e 2. Suas ruas são estreitas e ainda há calçadas feitas de pedras, onde é perceptível observar que, apesar do tempo, foram preservadas mantendo ainda seu estilo. Algumas casas apresentam-se com tinturas manchadas e outras em estado de deterioração por conta de serem muito antigas.

Figura 1 – Casarão no bairro Trizidela



Fonte: a autora, maio de 2023

Figura 2 – Casarão no bairro Trizidela



Fonte: a autora, maio de 2023.

Um outro fator observado, foi que os casarões que possuem, duas ou três portas na frente, era onde funcionava os comércios. E alguns destes casarões são preservados, e ainda

residem famílias, outros são abandonados por já serem bem antigos. Outro detalhe observado, foram as portas e janelas largas, feitas de madeira com formatos arredondados, sendo que, as paredes de alguns casarões possuem detalhes esculpidos com alto teor artístico, como demonstrado na figura 03. Um outro elemento que configura a Trizidela como parte do patrimônio cultural é a Igreja de Bom Jesus da Lapa, localizada na rua Bom Pastor (Figura 04) ao lado da praça da República, cujo nome foi dado em homenagem ao sistema político do nosso País. Outrora, a praça é mais conhecida como praça Bom Pastor. A Igreja celebra missa todos os domingos e anualmente tem um festejo em homenagem ao Bom Jesus da Lapa. suas novenas começam no dia 28 de julho e tem seu ápice no dia 06 de agosto, mês consagrado ao padroeiro.

Importante mencionar que, no passado, por haver grandes dificuldades com os recursos para a construção dos casarões e igrejas, pelo fato de não haver cimento na época, os construtores encontravam meios como o uso de pedras, a areia do rio e barro, para assim erguerem as construções. Além disso, esses materiais eram abundantes na região e forneciam aos construtores matérias-primas fortes e duradouras. A areia do rio, por exemplo, podia ser usada como agregado na produção de argamassa, e as pedras para a construção de paredes e fundações. A argila, por outro lado, era adequada para tijolos e revestimentos. Os construtores então desenvolveram métodos de construção que permitiam que os edifícios fossem erguidos de forma segura e rápida. As paredes podiam ser construídas de forma mais robusta porque as pedras, por exemplo, eram utilizadas. Também havia areia do rio e argila usadas para rebocar as estruturas, para proteger contra o vento.

As construções no bairro Trizidela em Grajaú, são uma parte significativa do patrimônio cultural da cidade. Eles são testemunho da história e identidade da região e da imaginação e resistência dos construtores. Além disso, essas obras representam um importante ativo turístico para atrair pessoas de outros lugares.

Figura 3 – Casarão no bairro Trizidela



Fonte: autoria propria, 11 de maio de 2023

Figura 4 – Igreja Bom Jesus da Lapa



Fonte: autoria propria, 11 de maio de 2023

Para um melhor detalhamento na pesquisa foi realizada uma conversa com moradores antigo do bairro Trizidela, que reside na localidade desde que nasceu e, assim, tem acompanhado as mudanças aí ocorridas ao longo do tempo. Para isso adotamos um roteiro como exposto no quadro abaixo.

Quadro 01 – Entrevista com o morador do bairro Trizidela

Perguntas	Respostas
Entrevistado I	
Você nasceu em Grajaú?	Sim, em 16/08/1954
Sua família (avós, pais) vieram de onde?	Meus pais são maranhenses, meu pai veio de Andirobal pio XII e minha mãe do Amarante do Maranhão, mais o meu pai que me criou veio de São Luís e ele era filho do português.
Como viviam seus pais?	Meus pais eram comerciantes e criadores de gado, trabalhavam com importação e exportação.
	No início o bairro não tinha água encanada, as pessoas banhavam ou no rio ou no olho d'água, a água para beber os moradores ia pegar no olho d'água. A iluminação pública era Caldeira e quando faltava dez minutos para as 22 horas, tinha uma sirene para avisar que daqui a dez minutos iriam desligar a luz. A maioria dos que tinham condição compravam uma geladeira, outros usavam a querosene e o fogão a lenha. Em

Sobre a formação da cidade. Como era a cidade de quando você era criança?	relação as ruas, só tinha uma que era a rua que é a que eu moro atualmente, a rua Bom Pastor que é até à beira do rio, a ponte só era feita no verão, no inverno tiravam por conta que o rio enchia, os carros trafegavam por dentro d'água, qualquer carro que viesse pra cá. Algumas pessoas criavam gado dentro da cidade, era tipo um comércio, digamos um rancho, onde o pessoal ficava que vinha do interior que traziam o arroz, milho coco babaçu e trocavam por mercadoria ou então pagavam suas contas por seis meses ou um ano, trocavam e levavam para lá e retornavam novamente.
O que há de resquícios da Grajaú antiga?	As coisas antiga aqui são poucas, nós tínhamos os trapistas no topo da ladeira e tínhamos na beira do rio que foi tirado. Um único resquício que nós temos aqui, de antigamente é a igreja bom Jesus da Lapa; a pracinha já foi modificada não sei quantas vezes, as escolas antigas também se tornaram outras formas desmanchadas e fizemos casas mais modernas, os calçamentos também foram cobertos, foi asfaltado, algumas ruas antigas ter mudaram de nome não sei nem por quê.
Como era a forma de vida dos moradores?	Os moradores daqui sempre foram muito simples, inclusive minha família, meu pai trabalhava aqui na rua bom pastor e morava na rua 28 de julho que é do outro lado. Alguns trabalhavam por conta própria, como tem o caso do seu Reis que era ferreiro, tinha um cabeleireiro que é antigo daqui que é o senhor de Julião que também morava aqui na rua bom pastor. Tinha também a assembleia de Deus, o pessoal era bem dividido e era bem pouquinhos evangélicos aqui dentro do setor, tinha mais católicos. Em relação ao festejo de bom Jesus da Lapa, vinha gente até de Balsas, Imperatriz, Fortaleza do Nogueira, Amarante, Sítio Novo para homenagear o Bom Jesus da Lapa, isso tudo foi indo pouco a pouco acabando, hoje para se fazer um festejo é um trigo e que seja a deixar lembranças.
Como era a forma de vida dos moradores?	Nós temos a minha família, Simas lima, tem a Nunes que é o professor Ilton Nunes, Matilde que era a esposa do professor Hilton Nunes, foi professora desde de cedo, foi nomeada do estado, logo após começo a reunida da escola Reunida. Porque aqui o primário eu fiz aqui na Trizidela, tem a família Lêda Guará os Falcão Jorge, a família Costa, família Barros, são famílias tradicionais daqui que fizeram Grajaú.

Fonte: pesquisa de campo, Janeiro de 2024

Quadro 2 – Entrevista com o morador do bairro Trizidela

Perguntas	Respostas
Entrevistado II	
Data de Nascimento.	03/01/1955

Local de nascimento	São Pedro dos cacetes, antigamente era chamado sem nome.
Chegada na localidade?	Cheguei ainda em 55. Eu cheguei, estava engatinhando.
Situação de Grajaú quando chegaram aqui.	Nós enfrentamos o pai de criação do nosso vizinho, era muito rico. A esposa dele era mãe, era parenta da minha mãe, dessa família de Azevedo. E nós tivemos uma época aqui que a gente comia com farinha. Nós éramos muito pobres e eles tinham, naquela época um depósito de sal, um depósito de arroz. Então o arroz eles só forneciam para as pessoas de condição. Uma fase, só comíamos com farinha. A tia Dadá pra conseguir um arroz pra gente. Ele não vendia pra pobre, pelo menos pra nós não vendia. A tia Dadá pegava escondido e mandava a gente ir pilar.
Como viviam seus pais?	Vivíamos de casa de aluguel. Naquela época a gente mudava de casa, era a noite, né? E aí o povo, todo mundo ajudando. Nós aqui temos uma porção de casa, que a gente morava de aluguel e depois que veio melhorar, porque a mãe botou aqui em casa, era tipo um hotel de estudantes. Começou com esse pessoal de firma que fizeram uma estrada aqui e ela fazia comida pra esse pessoal de firma.
Sobre a formação da cidade. Como era a cidade quando você era criança?	Nós não tínhamos água encanada. Pegávamos água que é de uma fonte natural, que por sinal, água daqui de casa, vem por força da gravidade aqui do nosso setor. A maioria das casas aqui é com a água do olho d'água. Nós vivemos uma época bem melhor na infância, que foi ótimo para melhor, porque se evoluiu no dia a dia de comunicação, de transporte, que antigamente não tinha nem carga, era raro carro aqui, era raro ter um clube recreativo. Nesse tempo ainda não existia canoieiro tudo era mata, só tinha a fazendinha.
Como era a forma de vida dos moradores?	Há muita necessidade e muita mais fome mesmo. Quem passava no caso era minha mãe, na minha tia, para a necessidade da gente. Mas a vizinhança, o pessoal era muito bom. Nós tínhamos a vizinha, gente a casa dela o pessoal era de condição. Aliás, o pessoal deprimeiro eram amigos, pois sendo sincera que hoje em dia a gente não ver mais amor né? Muita mudança, muita mudança brusca, muita. Eu não lembro mais nem o nome, mais ai tínhamos bingo. Era uma almofada da vovó, fazia renda Iaiá que era mama da mamãe.
Em que seus pais trabalhavam?	Minha tia lá trabalhava, trabalhou muito tempo em câmara de prefeitura. Ela era muito inteligente. Ela trabalhava muito com as freiras, que ali na Cidade Alta, perto da Igreja Glória, era um convento atrás, onde funciona o colégio. Também era lá que era um convento. Ela passava o dia lá, arranjava algum trocadinho, mamãe engomava, mamãe bordava, mais eram eu e mais dois irmãos que elas criaram. E nessa época também não se comia feijão, não feijão. Era raro que feijão saia mais pra mesa de rico.
	Tinha um sobrado do Vô Zeca, é assim que se diz dois andares, porque tinha a parte de baixo que era só depósito em cima. Ele era todo de tábuas, muita casa antiga, tudo foram forjados e o sobrado foi modificado. A casa do da tia Dulce foi modificada e Nelson Pereira ali defronte o arraial da

Construção das casas – o que permanece e o que mudou.	Trizidela, que ali no Livino Resente colégio, era uma casa muito antiga, também de um povo que foi embora muito rico e até venderam. Até o filho do tio comprou lá. Era um casarão. Acabou também, então muita coisa de lá que fizeram já mudou, muito, muito. Tem muita casa fechada, por que as pessoas já morreram e não foram vendidas, e estão fechadas. São casas que a maioria foram construídas ainda de adobe, que antigamente era adubão.
O que há de resquícios da Grajaú antiga?	São pouca coisa, mais pouca mesmo, as casas que foram construídas com adubão, que se for pra compra hoje, como está tudo moderno, só vão querer comprar o terreno. As ruas muitas já foram modificadas. Posso dizer, que não existi mais nem quase resquício da Grajaú antigo, tudo mudou. E o que ainda tem, estão esquecidos.
Religiosidades/como era?	Minha família toda era evangélica. Nessa época eu sei porque foi a história que contaram. Os evangelhicos eram apedrejados. Meu avô mesmo numa época, jogaram um pinico cheio de cocô nele lá no centro. Aqui na Trizidela houve queima de Bíblia. Meu avô levou pedrada na cabeça. Quando ele matava um gado, ele dava mais do que ficava em casa. Tinha muita fartura e aqui era um terror. Aí, depois de muito tempo, aí o pessoal começaram a ficar mais e mais amigos. A tia Lina mesmo trabalhava com a freira, tinha missas, terminava a missa, vinha aqui pra casa freira, padre, tomar café, conversar com a mãe a tia Eulina, elas eram evangélicas raiz mesmo.
E sobre as festas, como eram?	Festa que tem no Clube Recreativo Willian Guará, ele era o chefe, era o presidente. Lá tinha o grupo que organizava as coisas da alta elite Grajaú, Preto não entravam. E tinha o pipiral, aqui no teu fórum. Ali que vai para o fundo do Rio do Canecão, tem uma casa aqui assim na esquina, vem daqui e assim da prefeitura aqui. Essa casa bem aqui leva o dipirona federal que só era preto, preto e pobre, né? Nesse lugar lá era os vesperal, as vestes deles era lá, não entrava pelo pavor nenhum pobre também era lascarado que não tinha roupa pra dar. Aí o pessoal tinham o seu taurino que ele levava a moça para as festas no clube, os homens deu tudo de terno. Era coisa chique mesmo.
Você entende os resquícios da antiga cidade como um patrimônio?	Sim, foi um patrimônio cultural
Da sociabilidade de antes, o que você se lembra.	As pessoas eram sinceras, mas amigas, mais fieis, mas amorosas. Existia muita brincadeira de rua, muita, muita mesmo. Tinha um tal de um senhor que não lembro, mas o nome dele, eu sei que ele, ali nos vicentinos, ele era um contador de histórias, ele morava ali. Juntava aquela turma fazia uma roda e ficava até tarde contando histórias. Lá em outros pontos também brincava de roda a noite. Hoje em dia ninguém mais se ver, mais antes esse setor era cheio de menino soltado papagaio na época dessa, Jogando peteca, jogando pião, jogando liso, nesse tempo só se via isso. Tinha também o cancao eu sentava nas calçadas, era bom de mas.
De que maneira você acredita que esse patrimônio pode ser conservado?	No dia atual hoje é difícil, assim porque resgate de valores hoje em dia é quase inexistente. Eu não vejo mais condição de resgate de valores dentro da sociedade que vivemos hoje.

--	--

Fonte: Pesquisa de campo, Janeiro de 2024.

De acordo com Chaveiro (2012, p. 265), "todo sujeito é situado no lugar, assim estabelece relações no presente a partir do lugar com outras dimensões do tempo – a situação do homem define, um pouco, o conteúdo de sua condição de sujeito como espacial e historicamente determinado". Nesse sentido, as entrevistas realizadas com dois moradores do bairro Trizidela em Grajaú revelam uma análise aprofundada da história e da cultura da cidade. Os entrevistados discutem assuntos como, a origem do espaço urbano, a rotina dos habitantes, as trocas comerciais existentes naquela época, a importância do rio, da questão religiosa que hoje não está tão presente como antes, das famílias tradicionais e as marcas remanescentes da cidade antiga.

Mediante isso, pode-se observar alguns pontos em comum entre os entrevistados 01 e 02, referente ao desenvolvimento urbano. Os entrevistados evidenciaram uma carência muito grande de infraestrutura essencial no bairro trizidela, incluindo abastecimento de água e sistema de iluminação pública. O outro ponto observado, foi a vida dos habitantes, ou seja, os moradores levavam uma vida modesta, enfretando diversas dificuldades, mais demonstravam ao mesmo tempo um forte sentimento de comunidade e ajuda mútua. Por fim, temos os resquícios da cidade antiga. Cada entrevistado expressou tristeza pela destruição desses vestígios, a exemplo de casarões, escolas, clubes.

Dessa forma, fica nítido que o bairro Trizidela na cidade de Grajaú guarda nuances de um passado não apenas nas construções das casas e das ruas, mas também, na memória dos que aí residem, pois a maior parte destes sujeitos vem de famílias que já moram no local por várias gerações e que viveram momentos que condizem com sua formação enquanto sujeito, como o estudar, o trabalhar, a sociabilidade com os parentes e amigos, a recreação dos finais de tarde, fins de semana e feriados às margens do rio Grajaú, que outrora foi navegável.

Estes aspectos se constitui até hoje, no imaginário dos grajauenses como um recurso da natureza que deu à cidade o posto de princesa do Sertão, por onde chegavam, não só pessoas e mercadorias, mas, também, sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, pude entender que a identidade é constituída a partir da memória, no qual vai sendo reorganizada ao longo do tempo. E que os valores culturais não são

estáticos, embora o tempo presente guarde resquícios do passado que se entrelaça com o futuro, tudo isso disposto no espaço geográfico. Características estas visíveis nos antigos casarões, nas ruas, na velha igreja, assim como, nas várias mudanças, ali impostas, ocorridas ao longo do tempo. As ruas estreitas e de pedras, a praça e a memória dos que ali vivem, guardam marcas de um passado longínquo, que aos poucos vem sendo moldado e reestruturado. As quais correspondem às singularidades do bairro, as quais estão evidenciadas por meio da paisagem.

Portanto, conclui-se que, a Trizidela guarda a essência da história de Grajaú por conter marcos de sua fundação e consolidação enquanto cidade.

REFERÊNCIAS

CABRAL, M. do S. C. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luís: SIOGE, 1992.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011

CARDOSO, C. **Municípios maranhenses: Pastos Bons**. [S.l.]: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1974.

CARVALHO, C. **O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil**. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.

CHAVEIRO, E. F. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA, E. Jr. et. al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

LEZO, D.; DORNELAS, E.; ZANON, E. R.; MORAES, V. de. Reconhecendo o patrimônio cultural de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SCARLATO F. C.; COSTA E. Geografia e patrimônio urbano: Questão metodológica. **Espaço & Geografia**, Brasília, DF, v.16, n. 2, p. 369-387, 2013.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014.

ANEXO

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DO BAIRRO TRIZIDELA

1. Nome do entrevistado
2. Data de nascimento
3. Local de nascimento
4. Nomes dos pais
5. Sobre a vida dos pais/de onde vieram?
6. Quando foi a chegada na localidade?
7. Como era a situação de Grajaú quando chegaram aqui?
8. Como viviam seus pais?
9. Sobre a formação da cidade. Como era a cidade quando você era criança?
10. Como era a forma de vida dos moradores?
11. Em que seus pais trabalhavam?
12. Construção das casas – o que permanece e o que mudou?
13. O que há de resquícios da Grajaú antiga?
14. Religiosidades/como era?
15. E sobre as festas, como eram?
16. Você entende os resquícios da antiga cidade como um patrimônio?
17. Da sociabilidade de antes, o que você se lembra?
18. De que maneira você acredita que esse patrimônio pode ser conservado?